

Atualidade da neurose¹

Florence Guignard², Chandolin

O artigo revisa o conceito de neurose no século XXI. Conceito central da metapsicologia freudiana a partir da descoberta da sexualidade infantil e das teorias sexuais infantis, a neurose desapareceu do repertório do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) em 2014. Neurose infantil, neurose de transferência, neurose atual ou ainda neurose narcísica são conceitos esvaziados de seu valor diagnóstico do ponto de vista da nosografia psiquiátrica. O conflito entre o Eu e o Id, assim como o equilíbrio econômico entre os mecanismos de defesa primários e secundários, não são mais os principais eixos de observação do funcionamento psíquico. A autora examina a influência que exercem as modificações sociais e desenvolvimentais ocorridas no Ocidente do século XXI – como, por exemplo, o desaparecimento do período de latência e a inflação da informação em relação à cultura – sobre a situação do conceito de neurose nos dias de hoje. Tirada da situação central na qual Freud a colocou, a neurose é descrita numa situação de polaridade, em conceitos de terceiro tipo que opõem a neurose não apenas à perversão, mas também à psicose e ainda à psicopatia.

Palavras-chaves: Neurose; DSM; Desaparecimento do período de latência; Cultura versus informação; Conceitos de terceiro tipo

¹ Este artigo é baseado em um dos capítulos do livro de F. Guignard, *Quelle psychanalyse pour le XXI^e siècle?*, Tome I. Concepts psychanalytiques en mouvement (Chap. VIII, pp. 151-164), Paris, Ithaque, 2015.

² Psicanalista. Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

Florence Guignard

Freud (1905/2006) descobriu a sexualidade infantil através das formações defensivas contra ela, que são as teorias sexuais infantis. Tomando emprestado da psiquiatria clássica o termo *neurose*, ele se apropriou e elaborou várias noções a partir desse termo que, assim, se tornou genérico: *neurose infantil*, *neurose de transferência*, *neurose atual* e *neurose narcísica* formam suas principais categorias. Na repetição da neurose infantil, Freud (1916-1917/2000, 1912/1967) observou uma transferência infantil que considerou inicialmente como uma desvantagem no tratamento, até chegar a usá-la para que a repetição levasse à rememoração e, sobretudo, à elaboração (Freud, 1914/1966). Foi desta forma que descobriu a forma de expressão por excelência da neurose infantil sob as manifestações da neurose de transferência.

Diante da dificuldade que encontrava de poder pensar sob o olhar de seus pacientes e a percepção da atividade motora destes, e tomando como referência o que havia escrito em 1895 (Freud, 1950 [1895]/1956) sobre as relações antagônicas entre a atividade motora e o pensamento na economia pulsional, Freud introduziu o enquadre analítico. Esse enquadre tem por objetivo possibilitar que a relação – que será o suporte e o agente terapêutico do tratamento – se estabeleça da melhor forma possível: o encontro analítico. Na ascense constituída pela ausência de comunicação visual, pela redução da atividade motora graças ao dispositivo divã/ poltrona e pela regularidade do momento e duração das sessões, o enquadre analítico não favorece apenas o surgimento da figuração (no paciente e no analista), mas também a regressão.

Evidentemente, o enquadre externo do tratamento face a face, e, *a fortiori*, o do tratamento de crianças, exige buscar em outra situação e de outra maneira as condições de manifestação desses dois parâmetros: a figuração e a regressão. Foi justamente essa exigência que levou muitos psicanalistas do mundo inteiro a se tornarem mais criativos quanto aos seus meios de escuta, expressão e comunicação no nível pré-consciente.

Uma sexualidade na criança

A revolução desencadeada pela descoberta freudiana da sexualidade infantil não reside no fato de que as crianças possam encontrar prazer pulsional na mamada e nas funções excretoras, tampouco que esses prazeres permaneçam inscritos na organização sexual do adulto. O verdadeiro escândalo dessa descoberta está no significado genital desses prazeres de órgão e desses primeiros investimentos do próprio corpo e do corpo do outro. Antes de tudo, é importante lembrar que, na

descoberta freudiana da sexualidade infantil, o sexual vem primeiro e contém pulsões genitais desde o início.

Foi nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* que Freud formulou os conceitos fundamentais que enquadram, ainda hoje, qualquer projeto de realizar um tratamento psicanalítico. De fato, sua formulação acerca da existência de pulsões sexuais ativas desde o nascimento está na própria base do conceito de neurose infantil, ele mesmo modelo inescapável da neurose de transferência, a qual requer considerar o *après-coup* (*Nachträglichkeit*). Assentados na descoberta de uma sexualidade psíquica tramada desde a primeira infância, esses pilares conceituais de qualquer prática clínica que se proponha ser psicanalítica teriam, hoje, o mesmo significado e alcance de 1905?

Foi a partir desse poder de transformação baseado na qualidade intrínseca da pulsão de investir um objeto para nele encontrar outros elementos pulsionais que Freud chegou a um primeiro esboço da genealogia das pulsões (Guignard, 2015).

O conceito de neurose

Um conceito vive o tempo que for útil e, para assim permanecer, deve mostrar-se suficientemente polissêmico e específico. Deve também tocar em um ponto sensível no inconsciente dos ouvintes e dos leitores se quiser obter uma audiência significativa e suficientemente prolongada.

Cunhado no fim do século XVIII, o termo *neurose* tornou-se um conceito psicanalítico central na nosografia das afecções psíquicas. Trabalhado constantemente por Freud em suas duas grandes teorias das pulsões e do aparelho psíquico, o conceito de neurose continuou a ocupar, ao longo da evolução da nosografia psicanalítica, um lugar relevante. Perdeu em extensão o que ganhou em especificidade.

No *Vocabulário de psicanálise* (1967), encontramos a seguinte definição:

Afecção psicogênica em que os sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico que tem raízes na história infantil do sujeito e constitui compromissos entre o desejo e a defesa. (p. 296)³

Entretanto, um século depois de sua especificação freudiana, a definição da neurose sofre, hoje, de várias aporias, sendo que algumas delas já eram conhecidas pelo criador da psicanálise, enquanto outras parecem provir da dupla marcha do

³ Laplanche & Pontalis, *Vocabulário de psicanálise*. Editora Martins Fontes, 2000.

Florence Guignard

tempo, individual e social. Será que este conceito, antes tão central, será relegado à condição de acessório, isto se não for pura e simplesmente descartado?

Uma primeira abordagem da questão pode ser proposta a partir de uma análise dos termos da definição sucinta proposta por Laplanche e Pontalis.

Psicogênico

O adjetivo *psicogênico* significa *agir somente no plano psíquico*. Sugere, pois, uma dicotomia entre corpo e psique, constituindo assim uma primeira dificuldade se pensarmos na afirmação de Freud (1923/1991) segundo a qual “[o Ego] é, primeiro e acima de tudo, um Ego corporal” (p. 40)⁴. Essa dificuldade traz consigo uma outra, uma vez que, por ser totalmente purista, não se consideram nem o agir nem a projeção nessa definição da neurose. Assim, todos os mecanismos psíquicos que dizem respeito aos traços deixados no aparelho psíquico do sujeito neurótico em decorrência da expulsão do conflito provocada por outro sujeito ou por outro grupo de sujeitos – pensemos no traumático, no transgeracional e no grupal – permanecem excluídos da definição da neurose.

Pensamento

É espinhosa a questão sobre o que acontece com o *pensamento* tanto no plano traumático quanto no plano grupal. Será que um grupo pensa? Ou “des-pensa”⁵? (Kaës, 2015). Todavia, essa questão me parece, hoje, não poder ser evitada, nem no estudo do funcionamento do sujeito neurótico, nem na definição da neurose. Com efeito, atualmente, é um fato psíquico incontestável que a expulsão do conflito por meio da projeção, ou até mesmo pelo agir, deixa traços no aparelho psíquico tanto daquele que projeta quanto daquele que recebe a projeção.

Sintoma e julgamento

A questão do *sintoma*, por sua vez, levanta aquela dos critérios empregados para caracterizá-los e designá-los. Por certo, para o Freud da segunda tópica (1926 [1925]/1951), “sintoma nada mais é que indício de um processo mórbido”. Essa definição marca justamente a passagem de uma nosografia médica a uma nosografia psicanalítica, oferecendo a esta uma grande possibilidade de evolução e de variação no tempo. No entanto, é a morbidade que vai requerer uma caracterização, considerando-se tanto a capacidade de julgamento (Freud, 1925/1985) como a

⁴ Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1976). O Ego e o id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas (ESB) – E Ego e o Id e outros trabalhos*, (Vol. 19, p. 41). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

⁵ N.T.: No original, *dé-penser* permite um jogo de palavras: *dé + penser* [falta de pensar] e *dépenser* [gastar ou despendar].

possibilidade de manter uma imprecisão intencional quanto a natureza “daquilo que constitui indício”.

Contudo, será que os psicanalistas de hoje têm certeza de lançar o mesmo olhar que Freud e seus contemporâneos lançavam sobre o funcionamento humano? Com certeza, a resposta é não, para o melhor e para o pior.

Simbolização

A *expressão simbólica* constitui outra aporia. De fato, a lista dos indícios que poderíamos fazer atualmente para definir o sintoma ultrapassaria em larga medida a condição de uma expressão simbólica. Basta pensar no agir mencionado anteriormente, assim como nos sintomas psicossomáticos e na história de seu estudo, que vem sendo realizado há mais de sessenta anos, em especial pelo Instituto de Psicossomática de Paris. Embora seja discutível generalizar a formulação segundo a qual “o sintoma psicossomático é tolo” (Marty, M’Uzan et al., 1963), é verdade, por outro lado, que sua lógica é diferente da lógica do sintoma simbolizado que encontramos na histeria ou mesmo na neurose obsessiva.

Foram feitos muitos aprofundamentos (Klein, 1930/1968; Segal, 1957; Gibeault, 1989) sobre a formação e a patologia do símbolo. O primado espontâneo do investimento do visual, assinalado por Freud, se desenvolve em estado endêmico em nossa era do virtual, em que se mesclam e disputam o simbólico, o imaginário e o fantasmático, principalmente através do holograma, cujo poder ligado à sua inquietante estranheza é conhecido (Bioy Casares, 1940). Seguindo Bion (1970), e considerando a imensa obra do filólogo e historiador Umberto Eco (1979, 1990), um número significativo de psicanalistas (Ferro, 1996) explorou o uso que a psicanálise poderia fazer da relação holográfica das representações ditas *de coisa* com uma pluralidade de discursos propostos no campo da relação analítica.

Conflito psíquico

O *conflito psíquico* constitui a própria especificidade de toda reflexão no campo da psicanálise. Por isso, é marcado, em sua definição, pela evolução da sociedade e também da ciência psicanalítica. Assim, pelo fato de ter se tornado comum examinar as dimensões do traumático, do transgeracional e do psicossomático no conflito psíquico, as fronteiras da nossa concepção do conflito acabam sendo deslocadas. Embora seja sempre intrapsíquico, preocupamo-nos em identificar no conflito as trajetórias e a natureza das introjeções e das projeções no e para o corpo, assim como no e para o mundo externo, principalmente o psiquismo do outro, que, no que diz respeito ao tratamento analítico, é o psiquismo do analista, no plano contratransferencial.

Florence Guignard

História infantil

A questão das relações entre os conceitos de *neurose* e *neurose atual*, tais como Freud nos legou, permanece em aberto. Sujeitar-se a trabalhar nas *raízes do conflito na história infantil do sujeito* como fator etiológico da neurose levou Freud a não confinar o conflito no plano estático das representações, mas a dinamizá-lo, estruturando-o no plano das instâncias da personalidade. No entanto, o verdadeiro problema reside na abordagem do irrepresentável, que só será corretamente postulado depois de Freud (Bion, 1963; Green, 1993), na continuidade da segunda teoria das pulsões e na síntese das duas tópicas do aparelho psíquico, sobretudo, na existência do inconsciente como organizador das pulsões do Eu (Guignard, 2015a), e não somente como continente do recalque.

Do mesmo modo, a conceituação da clivagem, a partir de 1924, já é anunciada em 1915 em uma hipótese de Freud que, em *Neuroses de transferência: uma síntese*, postula um lugar diferente para o recalque conforme o tipo de neurose considerado: entre o Ics e o Pcs na neurose de angústia, na histeria de conversão e na fase inicial da neurose obsessiva; entre o Pcs e o Cs na neurose obsessiva instalada; e, quanto ao grupo das neuroses narcísicas, Freud concebe *outra tópica* para o recalque, afirmando que “ele se estende então ao conceito de clivagem”. Atualmente, parece lógico conceber os mecanismos de base da clivagem e as funções secundárias do recalque como exercendo de forma simultânea as suas regulações dos conteúdos psíquicos, segundo o modelo da *dupla espiral* proposto pela representação do DNA.

Compromisso neurótico: primeira e segunda teoria das pulsões

O componente essencial, talvez *sine qua non*, do conceito de neurose é o que faz dela *um compromisso entre o desejo e a defesa*. No entanto, esse componente se tornou bastante problemático com os avanços da prática e da teoria psicanalítica. Na verdade, é como se, a partir do momento em que Freud decidiu postular a segunda teoria das pulsões, sua conceituação do sistema defensivo não pudesse mais entrar de forma simples e coerente na definição da neurose. Pulsão de morte, recusa e outros elementos negativos acompanharam Freud durante a sua exploração dos meandros mais obscuros do psiquismo, que se se esquivam do primado organizador da libido, mas que lhe pareciam chegar somente a formações não neuróticas, especialmente formações perversas.

O mesmo acontece com o masoquismo e com o fetichismo (Freud, 1924/1992b, 1927/1994), que o levaram a descobrir simultaneamente o conceito de clivagem e a afirmar, contra todas as evidências, seu caráter exclusivamente patológico (Freud, 1940 [1938]/2010b), como se ele tivesse que lutar de maneira

constante contra seus próprios desenvolvimentos sobre a destrutividade e sua própria hipótese de uma pulsão de morte.

Encontramos traços dessa luta ao longo de um texto complexo, um pouco desordenado e repleto de ideias, que é *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926 [1925]/1951). De fato, esse texto pode ser lido quase inteiro sem lembrar o fato de que já fazia seis anos que Freud havia apresentado sua segunda teoria das pulsões (1920/1996). A inibição das funções do Eu é vinculada, ou até mesmo muito concretamente reduzida, àquela dos órgãos, ao passo que o sintoma diz respeito, sobretudo, à erotização do órgão envolvido na função considerada. A dimensão transferencial está quase ausente na reflexão de seu autor.

Freud considera ali o sintoma apenas como “indício e substituto de uma satisfação pulsional que não ocorreu, um sucesso do processo de recalque”, recalque este que, procedente do Eu, “eventualmente por determinação do Supereu, não deseja participar de um investimento pulsional provocado no Id”. Ele parece se deparar com essa fragmentação do funcionamento psíquico, a qual sugere certa recusa da pulsão de morte e que o leva a escamotear o estudo da função sono/sonho – tão essencial no estudo da inibição e da angústia– e a tratar de maneira geral e bastante abstrata sua nova concepção do traumatismo, essencialmente intrapsíquico.

Embora tenha reconhecido que, anteriormente, deixou-se levar pela fenomenologia no que tange às relações entre a libido e a angústia (primeira teoria das pulsões e da angústia), e embora tenha afirmado que a angústia precede o recalque (por exemplo, é a angústia da castração que provoca o recalque), que ela é uma produção do Eu e não do Id, Freud continua atribuindo a etiologia dos sintomas a uma fonte externa, histórica. Em particular, o declínio do complexo de Édipo (1924/1992a) é atribuído ao complexo de castração, que é sempre atribuído à verdadeira ocorrência de ameaças de castração na história do sujeito ou, na pior das hipóteses, na filogênese. Em última análise, sua classificação das neuroses é revisada apenas parcialmente nesse artigo-chave, embora ele seja considerado representativo da segunda concepção freudiana das pulsões e do aparelho psíquico.

Últimos textos de Freud

No seguimento da obra de Freud, encontramos somente dois novos comentários a respeito do lugar da neurose na psicopatologia no período da segunda tópica e da segunda teoria das pulsões.

Um dos comentários, em 1932, poderia prenunciar a importância atribuída pelos analistas contemporâneos (Faimberg, 1988) ao transgeracional:

Florence Guignard

Assim, o Superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do Superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração. (Freud, 1933/1984, p. 87)⁶

O outro, em 1938, expressou seu embaraço quanto às relações que poderiam existir entre a neurose e o traumatismo:

É possível que aquelas que são conhecidas como neuroses traumáticas (devidas a um susto excessivo ou graves choques somáticos, tais como desastres ferroviários, soterramentos, etc.) constituem exceção a isto; suas relações com determinantes na infância até aqui fugiram à investigação⁷. (Freud, 1940[1938]/2010a)

Questões que continuaram a ser trabalhadas depois de Freud

É preciso reconhecer que sentimos o mesmo desconforto nos dias de hoje, quando esse conceito de neurose precisa ser reformulado. Por mais absurdo e revoltante que seja, penso que não é sem razão que o conceito de neurose desapareceu pura e simplesmente da classificação das últimas edições do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM): a história está repleta de evacuações radicais de categorias que apresentam problema, seja na medicina, na política ou na filosofia. No entanto, a realidade é teimosa, e a psicanálise nos ensinou que qualquer conflito evacuado retorna inexoravelmente.

De qualquer forma, parece que Freud não explorou todas as implicações da elaboração da segunda tópica em relação ao conceito de neurose: em particular, ele evitou a questão da destrutividade, classificando-a no campo da psicose. Quanto ao problema da angústia, foi Klein quem, aproveitando as modificações freudianas dessa segunda teoria, estabeleceu o primado da angústia sobre o sintoma e atribuiu grande importância à angústia de morte inconsciente como primeiro fator organizador da vida psíquica e da busca do objeto externo que pode aliviar o recém-

⁶ Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1976). Conferência XXXI – A dissecação da personalidade psíquica. In *ESB – Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932])*, (Vol. 22, pp. 75-102). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)

⁷ Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1975). Esboço de psicanálise – Parte II, Cap. VII, Um exemplo de trabalho psicanalítico. In *ESB – Moisés e o monoteísmo. Esboço de psicanálise e outros trabalhos*, (Vol. 23, pp. 212-213). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940 [1938])

nascido dessa angústia inominável (Klein, 1921/1968, 1928/1968, 1929/1968, 1931/1968). Esta foi uma guinada importante na história da metapsicologia: o interesse pelos aspectos fenomenológicos da neurose – os diferentes tipos de sintomas – cede passagem ao interesse por sua dinâmica pulsional e emocional.

A abordagem da angústia por Melanie Klein

Da *angústia* latente à culpa inconsciente, Klein fez pleno uso dos parâmetros da segunda tópica e da segunda teoria freudiana das pulsões para desenvolver suas próprias descobertas sobre a elaboração do conflito psíquico. Explorou toda a riqueza potencial das fases oral e anal para a integração, no sadismo, das pulsões de morte com a libido; esse sadismo é a primeira expressão do juízo de atribuição e do juízo de existência, da introjeção sob a forma de incorporação e da projeção sob a forma de expulsão.

Esforçando-se incansavelmente para encontrar o ponto mais doloroso da angústia, ela foi capaz de detectar a culpa inconsciente nas tendências mais antissociais (Klein, 1927/1968, 1934/1968) em oposição, por contraste, ao sentimento de responsabilidade e à capacidade de fazer o luto pelo objeto, duas aquisições da posição depressiva. Ela levou a reflexão psicanalítica atual a aguçar sua observação do exterior e do interior e a distinguir o investimento das pessoas do mundo externo daquele das qualidades psíquicas introjetadas a partir delas – em outras palavras, a distinguir os objetos externos dos objetos internos. A noção de trauma aproximou-se, assim, da problemática neurótica, mas, ao mesmo tempo, esta viu sua especificidade esmorecer ainda mais.

O complexo de Édipo

Não podemos refletir sobre o conceito de neurose sem associá-lo de forma íntima ao conceito do *complexo de Édipo*. Logicamente, o desaparecimento da neurose deveria significar a resolução do *complexo de Édipo*, do qual ela poderia ser considerada como o principal derivado no *après-coup*.

Aqui, a história das descobertas psicanalíticas determinou outro rumo: por um lado, a análise detalhada dos componentes do Édipo levou Klein a descobrir uma versão do Édipo muito mais precoce que aquela da idade de 3-4 anos descrita por Freud e, por outro, a experiência prolongada do tratamento analítico confirmou uma das últimas intuições de Freud, a de que a resolução do complexo de Édipo constituía uma assíntota teórica e não uma realidade clínica.

Do mesmo modo, Bion (1963) pôs fim à esperança de um dia alcançar uma elaboração completa e definitiva da posição depressiva, colocando-a, de

Florence Guignard

forma muito mais realista, em uma situação bipolar e em oscilação com a posição esquizo-paranóide: PS ↔ D.

Neurose infantil, neurose da criança

Além disso, a controvérsia que existia entre *neurose da criança* e *neurose infantil* (Lebovici, 1980) apresenta hoje novas repercussões devido a uma mudança na sociedade que ganhou dimensão nos últimos vinte anos: o período de latência parece estar desaparecendo. De fato, na opinião de psicólogos e psicanalistas de crianças de muitos países que mais ou menos correspondem aos chamados modelos de “civilização ocidental”, em todos os meios socioculturais a latência derrete como neve ao sol.

Atualmente, crianças de nove anos têm a mesma mentalidade que tinham, na geração anterior, crianças em plena puberdade ou até mesmo jovens adolescentes; elas falam e se comportam como estes, em especial no que diz respeito à vida em grupo. Outra maneira de descrever esse fenômeno, favorecido ou mesmo totalmente criado pela sociedade de consumo, seria dizer que a pseudomaturidade está ganhando terreno todos os dias e que o falso *self* (Winnicott, 1960) apresenta cada vez mais as características de uma onipotência infantil que não entrou em atrito com a realidade.

A integração dos diferentes níveis de simbolização da linguagem sofre indubitavelmente com essa hiper/pseudomaturidade. Salomonsson (2008), por exemplo, relatou transtornos comprovados da simbolização em crianças portadoras da chamada síndrome de hiperatividade. Ora, define-se a neurose como a expressão simbólica de um conflito psíquico, sendo, portanto, a patologia neurótica que também é posta em causa.

Contingências absolutas para a neurose: período de latência e Nachträglichkeit

Para Freud, o *período de latência* constituiu o critério da especificidade do desenvolvimento da sexualidade humana em dois tempos, o cadinho do recalque, das identificações pós-edípicas e da sublimação, por meio da dessexualização. Consequentemente, a patologia específica da sexualidade humana que é a neurose não pode ser vista fora desse desenvolvimento em dois tempos.

A neurose se situa no ponto de encontro entre o indivíduo e a sociedade. Freud (1925/1992) explica que as formações sociais devem vir em apoio à ação do Supereu para reforçar a latência sexual: esta “pode causar uma interrupção total da vida sexual apenas nas organizações culturais que incluíram em seu plano uma repressão da sexualidade infantil. Este não é o caso da maioria dos povos primitivos” (p. 269).

Filhos da geração nascida nos Trinta Gloriosos⁸, crianças que crescem em famílias desunidas ou monoparentais, filhos de casais homossexuais, crianças maltratadas e vítimas de abuso sexual cometido na maioria das vezes por parentes, essas crianças atendidas pelos psicanalistas de hoje têm, na verdade, pouquíssimo a ver com uma organização neurótica do recalque e, portanto, da constituição de um *Nachträglichkeit*. É como se fossem portadoras de uma excitação somada às suas próprias pulsões, e que as persegue porque não conseguem garantir sua organização econômica.

Para se organizar, a neurose requer que o indivíduo encontre uma organização social *suficientemente repressiva* (parafraçando a “mãe suficientemente boa”, de Winnicott), a respeito da qual podemos nos perguntar se tal modelo não está esgotado de forma momentânea, duradoura ou mesmo definitiva.

No entanto, a neurose também testemunha o encontro do indivíduo com a cultura, por meio das pulsões epistemofílicas resultantes da transformação de suas pulsões sádicas, assim como com os processos de aprendizagem, dependentes em grande parte de sua capacidade de adiar a satisfação e submeter-se ao princípio de realidade. Na lógica própria do desenvolvimento em dois tempos da psicosexualidade, o período de latência é considerado como a época por excelência da consolidação dessas habilidades humanas. Com certeza a neurose pode dificultar o funcionamento da sublimação e favorecer a constituição da inibição, devido à angústia. No entanto, como compromisso estabelecido entre o Eu e o Id, algo fartamente lembrado por Freud, a neurose testemunha ao mesmo tempo o Ideal do Eu do indivíduo e o seu investimento da sublimação, que leva à cultura e à ciência. Ora, nossa civilização ocidental está passando por um período de decadência que, seguindo uma fratura socioeconômica que volta a crescer, talvez esteja trocando a cultura pela *trivialização* (Bion) de um de seus componentes básicos: informação.

Onde está a neurose nisso tudo? Perdeu terreno para a perversão? Onde está o recalque? Podemos pensar em um retorno do recalco transgeracional? A desordem feroz constatada atualmente não seria a expressão de um desligamento e de uma regressão brutais, devido a uma integração insuficiente dos períodos sádico oral e sádico anal (Guignard, 2015a)?

Consequências para a técnica analítica

O conceito de neurose não pode ser expulso da metapsicologia freudiana sem abalar seriamente todo o seu edifício, em particular os conceitos de sexualidade

⁸ A expressão *Trinta gloriosos* (em francês, *Trente glorieuses*) ou *Trinta anos gloriosos* designa os 30 anos (de 1945 a 1975) que se seguiram ao final da Segunda Guerra Mundial e que constituíram um período de forte crescimento econômico na maioria dos países desenvolvidos.

Florence Guignard

infantil, complexo de Édipo e neurose de transferência, cuja expressão por excelência é a neurose. No entanto, o conceito de neurose de transferência geralmente se opõe ao de neurose narcísica, tornando necessário, portanto, encontrar uma nova maneira de pensar sobre esta última.

É preciso então, por um lado, saber se o conceito de neurose sempre corresponde a uma realidade clínica específica e, por outro lado, examinar o futuro dos outros conceitos, se eles se encontram em uma nova situação geográfica em relação ao conceito de neurose.

Responderei afirmativamente à primeira pergunta, pois a neurose é a forma por excelência do funcionamento psíquico de um ser humano que cresceu em condições *suficientemente não traumáticas*, parafraseando Winnicott mais uma vez. Anna Freud referia-se à neurose falando de um *average expectable environment*. O modelo da neurose mantém, portanto, sua unidade e validade. Ele reúne vários critérios do funcionamento psíquico importantes de se preservar: a exigência de simbolização, a exigência da ameaça de castração para estabelecer o complexo de castração e, sucessivamente, a exigência do complexo de castração para iniciar o declínio do complexo de Édipo.

Contudo, as modalidades técnicas necessárias para tratar essa estrutura psíquica revelam-se insuficientes para responder às patologias atuais que estão em vias de se tornar mais comuns na civilização ocidental. Essas lacunas levaram a investigação clínica, técnica e metapsicológica a explorar vários campos que permaneceram em parte inexplorados pelo criador da psicanálise. Por exemplo, o vasto domínio da identidade, a questão do feminino e do materno (Guignard, 2002a) e a questão da temporalidade no tratamento, em uma época que instala intolerância quase absoluta à frustração e que, assim, nos leva de volta ao modo de funcionamento do traumatismo e da *neurotica*.

Portanto, parece lógico destronar a neurose do lugar central que ocupou por mais de meio século e atribuir-lhe um lugar *polar*, da mesma maneira que as descobertas astronômicas destronaram a Terra de seu lugar central no universo. Assim, podemos situar a neurose em um conceito dinâmico, em um conceito do terceiro tipo (Guignard, 2001, 2002b, 2014). Ela encontrará então vários antípodas. O mais clássico, designado por Freud, é a perversão. Tem-se então: Neurose ↔ Perversão. No entanto, ele também opôs a neurose à psicose: Neurose ↔ Psicose. E parece legítimo formar outro conceito bipolar que opõe a neurose à psicopatia: Neurose ↔ Psicopatia. Obviamente, essas proposições não são exaustivas.

Conclusão

Saber se a neurose perdeu ou não terreno para a perversão exige vários pontos de reflexão, os quais agora proponho ao leitor como conclusão deste trabalho:

- I. É a neurose que se encontra em uma situação de contingência em relação ao que defini como “Infantil” (Guignard, 1996), e não o inverso. Isso porque o Infantil desfruta de verdadeira autonomia em relação à neurose; ele requer uma definição específica, podendo, portanto, ser declinado em todas as outras configurações.
- II. Uma vez que a resolução do complexo de Édipo é reconhecida como constituindo uma assíntota e que as valências edípicas foram observadas desde o primeiro ano de vida da criança, a existência e a força dinâmica dos componentes do Édipo no tratamento analítico não parecem ameaçadas, nem no curto nem no médio prazo.
- III. A problemática do tratamento analítico, hoje, não pode se limitar a uma oposição maniqueísta entre a neurose de transferência e a neurose narcísica. Os aspectos da transferência provaram ser tão numerosos, diversos e móveis, seu destino está tão ligado às vicissitudes da contratransferência – principalmente a dos *pontos cegos* (Guignard, 2015b) –, que podemos considerar, nos tempos atuais, que *a problemática narcísica está contida na problemática transferencial*.

Um dos efeitos positivos do declínio da supremacia da neurose é permitir escutar, explorar e tentar aliviar as problemáticas narcísicas por meio da elucidação do sofrimento relacional que nelas se dissimula. □

Abstract

Actuality of neurosis

The article reviews the concept of neurosis in the 21st Century. Major concept of Freudian metapsychology based upon the discoveries of infantile sexuality and of infantile sexual theories, neurosis disappeared from the *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) in 2014. Infantile neurosis, transference neurosis, actual neurosis or narcissistic neurosis are concepts void of diagnostic value from the vantage point of the psychiatric nosography. Conflict between the Ego and the Id, as the economic balance between primary and secondary defense mechanisms, are no longer the major lenses to observe the psychic functioning.

Florence Guignard

The author examines the influence of social and developmental modifications of the western 21st Century – such as the disappearance of the latency period, and the inflation of information concerning culture – on the situation of the concept of neurosis today. Taken out of its core situation, where Freud put it, neurosis is described as a situation of opposition in the concept of the 3rd type, placing neurosis opposite to not only perversion, but also to psychosis, or else, to psychopathy.

Keywords: Neurosis; DSM; Disappearance of latency period; Culture versus information; Concept of the third type

Resumen

Actualidad de la neurosis

El artículo hace un balance del concepto de neurosis en el siglo XXI. Concepto central en la metapsicología freudiana desde el descubrimiento de la sexualidad infantil y las teorías sexuales infantiles, la neurosis desapareció en 2014 del repertorio del *Manual Diagnóstico y Estadístico de los Trastornos Mentales* (DSM). La neurosis infantil, la neurosis de transferencia, la neurosis actual o incluso la neurosis narcisista son conceptos vaciados de su valor diagnóstico desde el punto de vista de la nosografía psiquiátrica. El conflicto entre el Ego y el Ello, como el equilibrio económico entre los mecanismos de defensa primario y secundario, ya no son los ejes principales de observación del funcionamiento psíquico. La autora examina la influencia de los cambios sociales y de desarrollo en el siglo XXI occidental – como el fin del período de latencia y la inflación de información en relación con la cultura – sobre el estado actual del concepto de neurosis. Desplazada de la situación central en la que Freud la había colocado, la neurosis es descrita en una situación de polaridad en conceptos del tercer tipo que oponen la neurosis no solo a la perversión, sino también a la psicosis e incluso a la psicopatía.

Palabras clave: Neurosis; DSM; Desaparición del período de latencia; Cultura versus información; Conceptos del tercer tipo

Referências

American Psychiatric Association. (2015). *DSM-5. Manuel Diagnostique et Statistique des Troubles Mentaux*. Paris : Elsevier-Masson.

- Bion W. R. (1970). *L'attention et l'interprétation : Une approche scientifique de la compréhension intuitive en psychanalyse et dans les groupes*. Paris: Payot, 1990.
- Bion, W. R. (1963). *Éléments de psychanalyse*. Paris : Puf, 1979.
- Bioy Casares, A. (1940). *L'invention de Morel*. Paris: Roberto Laffont, 1983.
- Eco, U. (1979). *Lector in fabula: le rôle du lecteur ou la coopération interprétative dans les textes narratifs*. Paris: Le Livre De Poche, 1989.
- Eco, U. (1990). *Les limites de l'interprétation (Advances in Semiotics)*. Indiana (U.S.A.) : Indiana University Press.
- Faimberg, H. (1988). A l'écoute du télescopage des générations: pertinence psychanalytique du concept. In R. Kaës, H. Faimberg, M. Enriquez, & J. J. Baranes (Eds.), *Transmission de la vie psychique entre générations*, (pp. 113-129). Paris: Dunod, 1993. Coll. Inconscient et culture.
- Ferro, A. (1996). *La psychanalyse comme œuvre ouverte. Émotions, récits, transformations*. Ramonville: Erès, 2000.
- Freud, S. (1951). Inhibition, symptôme et angoisse. In *Oeuvres complètes de psychanalyse* (Vol. 17, pp. 203-286). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1926 [1925])
- Freud, S. (1956). Esquisse d'une psychologie scientifique. In *La naissance de la psychanalyse : lettres à Wilhelm Fliess* (pp. 307-396). Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1950[1895])
- Freud, S. (1966). Remémoration, répétition et perlaboration. In *La technique psychanalytique*. Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1914)
- Freud, S. (1967). La dynamique du transfert. In *La technique psychanalytique*. Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1912)
- Freud, S. (1984). La décomposition de la personnalité psychique. In *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*. Paris: Gallimard. (Œuvre originale publiée en 1933)
- Freud, S. (1985). La négation. In *Oeuvres complètes de psychanalyse – Résultats, idées, problèmes* (Vol. 2). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1925)
- Freud, S. (1991). Le moi et le ça. In *Oeuvres complètes de psychanalyse* (Vol. 16, pp. 255-301). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1923)
- Freud, S. (1992). Autoreprésentation. In *Oeuvres complètes de psychanalyse – Résultats, idées, problèmes* (Vol. 17). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1925)
- Freud, S. (1992a). La disparition du complexe d'Édipe. In *Oeuvres complètes de psychanalyse* (Vol. 17, pp. 25-33). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1924)
- Freud, S. (1992b). Le problème économique du masochisme. In *Oeuvres complètes de psychanalyse* (Vol. 17, pp. 9-23). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1924)
- Freud, S. (1994). Fétichisme. In *Oeuvres complètes de psychanalyse* (Vol. 18, pp. 123-131). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1927)
- Freud, S. (1996). Au-delà du principe de plaisir. In *Oeuvres complètes de psychanalyse* (Vol. 15, pp. 217-223). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1920)

Florence Guignard

- Freud, S. (2000). Leçons d'introduction à la psychanalyse. In *Oeuvres complètes de psychanalyse* (Vol. 14). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1916-17)
- Freud, S. (2006). Trois essais sur la théorie sexuelle. In *Oeuvres complètes de psychanalyse - Trois essais sur la vie sexuelle. Fragment d'une analyse d'hystérie (Dora). Autres textes*, (Vol. 6). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1905)
- Freud, S. (2010a). Abrégé de psychanalyse. In *Oeuvres complètes de psychanalyse* (Vol. 20, pp. 225-305). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1940 [1938])
- Freud, S. (2010b). Le clivage du moi dans le processus de défense. In *Oeuvres complètes de psychanalyse* (Vol. 20). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1940 [1938])
- Gibeault, A. (1989). Destins de la symbolisation. *Revue française de psychanalyse*, 53 (6): 1493-1617.
- Green, A. (1993). *Le travail du négatif*. Paris: Minuit.
- Guignard, F. (1996). Au vif de l'infantile, delachaux, lausanne, épuisé. Nouvelle édition revue et augmentée, *Au vif de l'Infantile aujourd'hui*. Paris: Ithaque, 2020.
- Guignard, F. (2001). Le couple mentalisation/ démentalisation, un « concept métapsychologique de troisième type ». *Revue française de psychosomatique*, 20 (2) : 115-135. doi.org/10.3917/rfps.020.0115
- Guignard, F. (2002a). La magie des gros mots. *Revue Humoresque 16*, Santé du rire, Paris : Corhum.
- Guignard, F. (2002b). Les concepts métapsychologiques du troisième type. In J.-J. Baranès, F. Sacco et al. (Eds.), *Inventer en psychanalyse. Construire et interpréter*. Paris : Dunot.
- Guignard, F. (2014). Quels concepts métapsychologiques pour la clinique d'aujourd'hui ? Les concepts de troisième type. In F. Guignard et S. M. Passone (Eds.), *La psychanalyse de l'enfant et de l'adolescent. État des lieux et perspectives*. Paris : In Press.
- Guignard, F. (2015a). Organisation généalogique des pulsions. In *Quelle psychanalyse pour le XXIe siècle ? Tome I. Concepts psychanalytiques en mouvement* (Chap. 1, pp. 31-41). Paris: Ithaque.
- Guignard, F. (2015b). L'Infantile du psychanalyste. Taches aveugles et interprétations bouchons. In *Quelle psychanalyse pour le XXIe siècle ? Tome I. Concepts psychanalytiques en mouvement* (Chap. 13, pp. 221-238). Paris : Ithaque.
- Kaës, R. (2015). *L'extension de la psychanalyse. Pour une métapsychologie de troisième type*. Paris: Dunod.
- Klein, M. (1968). Contribution à la théorie de l'inhibition intellectuelle. In *Essais de psychanalyse* (pp. 283-296). Paris: Payot. (Œuvre originale publiée en 1931)
- Klein, M. (1968). L'importance de la formation du symbole dans le développement du Moi. In *Essais de psychanalyse* (pp. 263-278). Paris: Payot. (Œuvre originale publiée en 1930)
- Klein, M. (1968). La criminalité. In *Essais de psychanalyse* (pp. 307-310). Paris: Payot. (Œuvre originale publiée en 1934)
- Klein, M. (1968). Le développement d'un enfant. In *Essais de psychanalyse* (pp. 29-89). Paris: Payot. (Œuvre originale publiée en 1921)

- Klein, M. (1968). Les situations d'angoisse de l'enfant et leur reflet dans une œuvre d'art et dans l'élan créateur. In *Essais de psychanalyse* (pp. 254-262). Paris: Payot. (Œuvre originale publiée en 1929)
- Klein, M. (1968). Les stades précoces du conflit œdipien. Les stades précoces du conflit (Edipien. In *Essais de psychanalyse* (pp. 229-241). Paris: Payot. (Œuvre originale publiée en 1928)
- Klein, M. (1968). Les tendances criminelles chez les enfants normaux. In *Essais de psychanalyse* (pp. 211-228). Paris: Payot. (Œuvre originale publiée en 1927)
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-P. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse : Névrose*. Paris: Puf, p. 544.
- Lebovici, S. (1980). L'expérience du psychanalyste chez l'enfant et chez l'adulte devant le modèle de la névrose infantile et de la névrose de transfert. *Revue française de psychanalyse*, 44 : 5-6.
- Marty, P., M'Uzan, M. de, & David, C. (1963). *L'investigation psychosomatique*. Paris: Puf.
- Salomonsson, B. (2008). The impact of words on children with ADHD and DAMP Consequences for psychoanalytic technique. *The Int. J. Psycho-Anal.*, 87 (4) : 1029-1047.
- Segal, H. (1957) Notes sur la formation du symbole. *Revue française de psychanalyse*, 34(4) : 685-696.
- Winnicott, D. W. (1960). Distorsions du Moi en fonction du vrai et du faux-self. In *Processus de maturation chez l'enfant*. Paris : Payot, 1983.

Recebido em 29/11/2018

Aceito em 04/04/2019

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão de **Renato Moraes Lucas**

Florence Guignard

Chalet Perdrix

chemin de Grévé, 8

3961 – Chandolin – Suisse

florenceguignard@bluewin.ch

© *Florence Guignard*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA